

CORPOS E INFÂNCIAS: DESAFIOS DE UMA EXPERIÊNCIA COM AS DANÇAS URBANAS¹

Adriana Martins Correia,

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Martha Copolillo,

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Bruna Vilhena da Silva,

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Nayara Ribeiro Melo,

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Iara Mirella Rodrigues,

Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO

Relatamos a experiência de um projeto de ensino, que buscou tensionar questões relativas ao corpo, junto a uma turma do 2º Ano do Ensino Fundamental. Após descrevermos o percurso de construção metodológica dos encontros, destacamos a emergência de questões étnico-raciais nas narrativas das crianças a respeito de seus corpos. Ao final, analisamos o trabalho realizado com as danças urbanas, onde lidamos com elementos da “competitividade” presentes em manifestações corporais afrodiaspóricas.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; infâncias; danças urbanas

INTRODUÇÃO

O presente texto relata a experiência de um projeto de ensino, onde realizamos oficinas que buscam tensionar questões como imagens, concepções e afetos relativos ao corpo, entendendo-as como espaços de reflexão/ação. As intervenções foram realizadas em 2019 com uma turma do 2º Ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal.

Apresentamos as oficinas, destacando a emergência da temática das relações étnico-raciais nas narrativas das crianças a respeito de seus corpos. Em seguida descrevemos o

¹ O trabalho foi apoiado por três bolsas do Programa Licenciaturas (PROGRAD-UFF), obtidas através do Edital n. 11/2019 seleção interna de projetos para o programa licenciaturas 2020

trabalho com as danças urbanas neste processo, com destaque para o evento final, onde lidamos com elementos da “competitividade” presentes em manifestações corporais afrodiáspóricas.

PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

As oficinas foram registradas em diário de campo e através de vídeos e fotografias. Não havia roteiro pré-determinado, partimos de uma dinâmica que estimulou que as crianças falassem de seus corpos e os encontros seguintes eram desdobrados a partir dos acontecimentos anteriores.

Chegamos aos encontros inspiradas por concepções que tratam as infâncias de forma plural, como expressão multicultural de uma multidão, em oposição a um projeto de escolarização voltado a um povo/nação, de orientação racializada e generificada (ABRAMOWICZ, 2009, SARMENTO 2007, TOMÁS 2002), entendendo ainda que as experiências das crianças extrapolam os dispositivos de infantilidade do mundo ocidental (CORAZZA 2002). Buscamos, no âmbito da educação física e da dança, dialogar com autores/as que falam a partir de perspectivas inter/multiculturais e apostam nas potências infantis (NEIRA; SOUZA, 2015, 2014; MARQUES, 2011; WIGGERS, 2005; SAYÃO; 2002).

RELATO DAS OFICINAS 1, 2 e 3

Chegamos à escola para ouvir/ver o que as crianças tinham a falar sobre seus corpos. Para suscitar as narrativas usamos o desenho e da colagem, entendendo-os de forma semelhante ao que propõe Wiggers (2005). O desenho, nessa perspectiva, se afasta de qualquer intenção de testagem projetiva e é entendido como um ato motor, onde o corpo se desenha. É também uma narrativa que, embora construída a partir das subjetividades, expressa atravessamentos culturais, padrões estéticos, ao mesmo tempo em que os reelabora.

Propusemos uma atividade de auto retrato, onde as crianças desenharam-se de corpo inteiro. Oferecemos giz de cera com ampla paleta de cores e disponibilizamos retalhos, lãs, papel, entre outros. Ao final, fotografamos as crianças ao lado de suas produções.

Percebemos que a maioria das crianças negras desenharam-se como brancas, utilizando a cor rosada como “cor de pele”. Para além disso, nos chamou à atenção um

conjunto de elementos fenotípicos e estéticos/culturais. Vimos que, de forma oposta, as poucas crianças que representaram-se como negras revelaram um corpo desenhado de forma potente, enfatizando, além do tom da pele, cabelos, traços e adornos de estética afro.

Em diálogo com a equipe da escola, entendemos ser relevante trabalhar a partir de questões étnico-raciais, de modo envolver o grupo a partir de outras estéticas, tensionando modelos hegemônicos. Pesquisamos livros infantis com protagonistas negros e encontramos uma obra de Bell Hooks, "A minha dança tem história", que relata a vida de um menino negro e b-boy (dançarino de break).

Produzimos um material audiovisual, onde ilustrações foram animadas e o texto do livro era cantado sob a forma de rap. Na sequência, apresentamos vídeos de dançarinos negros, precursores do movimento hip hop nas periferias estadunidense. Depois mostramos, dançarinos/as da cena hip-hop nacional e da dança funk, representados pelo Passinho carioca.

Muitas crianças se identificaram com os vídeos, exclamando frases como "*Eu sou essa menina!*". Partimos então para a próxima atividade, investindo no processo empático das crianças no sentido de "serem" aqueles/as artistas. Convidamos-as a se apresentar. Algumas dançaram sozinhas, outras junto com amigos e, ao final, a turma inteira estava dançando. No encerramento nos pediram para retornar, pois queriam dançar novamente.

Seguindo essa demanda, a 3ª oficina promoveu a apreciação e a vivência em contato com um artista. Convidamos um discente da Licenciatura, que é dançarino e que possui uma imagem que evoca a estética resistente da diáspora africana. O convidado adentrou a sala já desenvolvendo sua performance, na qual mesclou vários estilos das danças urbanas. Em seguida, ensinou passos básicos de uma sequência, que todos executaram coletivamente.

A atividade foi acolhida com empolgação. Alunos de outras turmas vieram à porta, querendo participar. Partindo dessa reivindicação, caminhamos para a última oficina e buscamos planejar um evento final envolvendo toda a escola.

A BATALHA FINAL: TENSIONANDO A COMPETIÇÃO

Pensamos em promover um o evento que significa o ápice em diferentes expressões de danças urbanas: a batalha. Mas aí nos detivemos diante de um impasse. A batalha é um evento competitivo. Em geral os juízes decidem quem venceu apresentando placas com notas ou por apontamento. Iríamos fazer esse tipo de competição? Ou, por outro lado, iríamos excluir todo

o desafio da batalha, descaracterizando e fazendo uma domesticação pedagógica dessas culturas?

As batalhas de dança marcam a origem do movimento hip hop. Segundo Casseano (2001, p.17), existem desde que Afrika Bambaataa, no final da década de 1960, passa a promover encontros entre dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres-decerimônias) nas festas do Bronx, em Nova York.

Assim, o break e outras danças urbanas teriam surgido como práticas potentes, através das quais os jovens se desafiavam, sublimando a violência das brigas de gangues. Para além de ser um instrumento de pacificação “entre irmãos”, os registros de entrevistas dos líderes do hip hop apresentam as rodas de desafio de dança como parte de um processo de identificação e valorização da estética afrodiáspórica.(CORREIA, 2013, p.24).

Na batalha um dançarino adentra a roda, exibindo movimentos cada vez mais complexos a serem superados pelo oponente. Após um determinado número de entradas revezadas entre dois desafiados, o vencedor é determinado. O mesmo pode se repetir nas competições entre *crews* (grupos)

É inegável que dimensão agonística é fundante dessa dança. Traduz a violência racializada sofrida por grupos jovens, partir das estruturas de poder do estado, e que acaba por potencializar ações de disputa entre os próprios pares. O movimento hip hop ressignifica essa disputa como processo de identidade e de fruição estética. Traz elementos da resistência negra e tensiona, ao mesmo tempo, marcas de outras opressões, como a luta das dançarinas (b-girls) que se deslocam do lugar de objeto de ostentação nas gangues, para a conquista do protagonismo nas rodas de dança.

Depois de debatermos, entendemos que não desejávamos abrir mão dessa história. Mas como brincar com o desafio, sem reforçar um competitivismo classificatório?

Ao convidarmos as crianças para o evento, mostramos um vídeo onde dançarinos falam da ética da roda, revelando que vale desafiar o outro, vale “comentar ironicamente” com códigos já partilhados a apresentação de quem está dentro da roda, mas há um conjunto de coisas que não se permite, a fim de se preservar o espaço e o respeito à performance de quem está no centro da cena.

Chegamos à ideia de “avaliar” cada criança com placas com “emojis”, todos positivos: com sorrisos, com beijos, com corações, com óculos escuros. Ao final da dança, três juízes

levantariam essas placas e o emoji que fosse predominante em dois dos juízes representava a medalha que a criança iria receber.

Realizamos as inscrições e solicitamos que as crianças viessem com roupas e acessórios para dançar. Por se tratar de roupas da moda urbana, boa parte dos alunos/as poderia trazer o que foi pedido. No entanto, no dia do evento levamos um baú de adereços (bonés, coletes, óculos e outros) para emprestar para quem precisasse ou quisesse. Convidamos as demais turmas para assistir as batalhas e participar dançando do momento final do encontro.

Convidamos dois dançarinos e duas dançarinas de um grupo de dança, de um projeto de extensão da universidade. Esses/as quatro artistas apresentaram-se na abertura do evento, simulando duas rodas de batalha. Em seguida, tornaram-se os jurados para a batalha das crianças.

No início as crianças inscritas dançaram em duplas de desafio e foram premiadas com suas “medalhas-emojis”. Na sequência, as crianças que não se inscreveram por timidez foram convidadas a dançar em duplas ou trios simultâneos com colegas. Ao final fizemos grandes grupos onde todas as crianças das outras turmas puderam dançar.

Nesse sentido, as medalhas entregues serviram como uma premiação pela participação, ressignificando a ideia do “melhor” (competição) para o “melhor de si” (potência). As poucas crianças que não quiseram dançar, escolheram ao final uma medalha, por terem participado do projeto da forma que quiseram ou puderam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto buscou promover um espaço de reflexão/ação sobre corpos que, dançando, criam vínculos e tornam-se relacionais. Entendemos, concordando com Marques (2011), que corpos lúdicos e relacionais caminham também no sentido de serem corpos críticos e potentes.

As crianças puderam se afetar e experimentar estéticas diferentes daquelas a partir das quais seus corpos antes haviam “se desenhado” anteriormente, agora ultrapassando referenciais normativos da branquitude. Acreditamos também que as demais crianças (não negras) e, mesmo as que se já reconheciam como negras, puderam tecer novos saberes a partir de uma outra experiência de “ser corpo” na escola.

A questão da competição, que é cara e polêmica para nós, da Educação Física, ganhou outros contornos, aproximando-a mais do desafio. Desafiar faz parte das mais distintas manifestações da cultura popular, está nas rodas de break, de passinho, na tradição da poesia repentista, atualizada pelos rappers e por artistas de slam. O desafio não nega a dimensão agonística, mas aposta no confronto (estar frente a frente), como uma forma de jogar, de brincar, de estar junto, recriando os sentidos de uma comunidade.

BODIES AND CHILDHOODS: CHALLENGES FROM AN EXPERIENCE WITH URBAN DANCE

ABSTRACT

We report the experience of a teaching project, which sought to stress issues related to the body, with a class from the 2nd year of elementary school. We describe the path of methodological construction of four meetings. We highlight the emergence of ethnic-racial issues in children's narratives about their bodies and analyze the work carried out with urban dances. We deal with elements of "competitiveness" present in aphrodisporic bodily manifestations.

KEYWORDS: body; childhoods; urban dances

CUERPOS E INFANCIAS: DESAFÍOS DE UNA EXPERIENCIA CON DANZAS URBANAS

RESUMEN

Se reporta la experiencia de un proyecto docente, que buscaba enfatizar temas relacionados con el cuerpo, con una clase de 2º año de primaria. Describimos el camino de la construcción metodológica de cuatro encuentros. Destacamos la emergencia de cuestiones étnico-raciales en las narrativas de los niños sobre sus cuerpos y analizamos el trabajo que se realiza con los bailes urbanos. Nos ocupamos de los elementos de "competitividad" presentes en las manifestaciones corporales afrodispóricas

PALABRAS CLAVES: cuerpo; infancias, danzas urbanas

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D.; RODRIGUES, T. C. **Infâncias em Educação Infantil.** Pro-Posições, v. 20, n. 3, p. 179-197, 2009.

CASSEANO, P.; DOMENICH, Mirella. **Hip Hop: a periferia grita.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

CORAZZA, S. M. **Infância & Educação – Era uma vez... Quer que conte outra vez?** Petrópolis: Vozes, 2002.

CORREIA, A. M. **Entre o liso e o estriado: percursos dos jovens dançarinos urbanos do Rio de Janeiro.** 2015. 125 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HOOKS, B. **Minha dança tem história.** São Paulo: Boitatá, 2019.

MARQUES, I. **Notas sobre o corpo e o ensino de Dança.** Caderno Pedagógico, Lajeado, v. 8, n. 1, p. 31-36, 2011.

SOUZA, M. N.; NEIRA, M. G. Tematizando a cultura corporal na educação infantil: uma experiência multiculturalmente orientada. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 6, n. 1, 2015

SOUZA, V. S; NEIRA, Marcos Garcia. A domesticação dos corpos infantis: em destaque as práticas escolarizadas na educação infantil. **Conexões**, v. 12, n. 1, p. 107-125, 2014.

SARMENTO, M. J. **Culturas infantis e interculturalidade. Produzindo pedagogias interculturais na infância.** Petrópolis, RJ: Vozes, p. 19-40, 2007.

SAYÃO, D. T. A construção de identidade e papéis de gênero na infância. **Pensar a prática**, v. 5, p. 1-14, 2002.

TOMÁS, C. Infância como um campo de estudo multi e interdisciplinar. **Revista Psicologia e Educação**, v. 1, p. 131-146, 2002.

WIGGERS, I. D. Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 3, 2005.